

ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS NA ROÇA DE CANDOMBLÉ OYÁ AFUNGILASÉ

João Maria de Castro Pontes¹

Cleberson Cordeiro de Moura²

dicastro.uabnatal@gmail.com

Resumo: Conforme o processo de homogeneização cultural predominantemente cristão, ficaram esquecidas as contribuições das filosofias religiosas, principalmente os cultos afro-brasileiros, no que se refere às ações sociais implementadas para combater a pobreza. Partindo dessa problemática, este artigo apresenta como objetivo geral analisar as ações realizadas pela Roça de Candomblé Oyá Afungilasé para minimizar os efeitos da pobreza junto à periferia da cidade de Ceará-Mirim/RN. Com os objetivos específicos a pesquisa vai resgatar a história da religião de matriz africana, especificamente a história da Roça Oyá Afungilasé; Conhecer as políticas públicas voltadas à igualdade racial e ao enfrentamento da pobreza e da desigualdade social; Refletir sobre o fenômeno social da pobreza e da desigualdade social nos bolsões de pobreza e a contribuição da escola no seu enfrentamento; E Identificar as ações da Roça Oyá Afungilasé para minimizar os efeitos danosos da pobreza e da desigualdade social em um bairro periférico da cidade de Ceará-Mirim/RN. Nesse sentido, a pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: como as representações e práticas religiosas de matriz africana, especificamente o candomblé, se manifestam no cotidiano de negação de direitos, vulnerabilidade e desigualdades sociais? No desenvolvimento do trabalho, optou-se pela pesquisa etnográfica, uma vez que sua origem está na antropologia, conseguindo descrever ideias de uma cultura específica. Como resultado destas reflexões, evidenciou-se que a educação na Roça Oyá Afungilasé contribuiu de maneira contextualizada, significativa e emancipatória para a formação de crianças e adolescentes, sem dualidades, sem fragmentações, numa perspectiva de envolvimento e pertencimento, instaurando atitudes de respeito à diferença, maior visibilidade aos problemas gerados pela desigualdade social em um bairro periférico e apresentação da educação como mecanismo de ascensão social e cultural.

Palavras-chaves: Educação, Pobreza, Desigualdade, Matrizes Africanas.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o Brasil traz nas suas práticas sociais a marca da pobreza e da desigualdade social, herança da injustiça, do abandono, do descaso, que por tanto tempo desencadearam um problema complexo e multidimensional.

Por um lado, é perceptível que o Brasil é um país marcado pela desigualdade, e por outro lado há dificuldade de lidar com esse fenômeno social, e isso até mesmo por parte dos governos, e das instituições nacionais e internacionais, que não formulam e executam

¹¹ Pós-graduado em Educação, Pobreza e Desigualdade Social- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

² Pós-graduado em Educação, Pobreza e Desigualdade Social- Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

políticas o enfrentamento a essa desigualdade de forma adequada.

Conscientes das consequências mais brutais desse processo, que é falta de capital social e cultural, no qual o pobre é visto como indivíduo sem educação formal e sem formação profissional, obrigados, por isso, a exercerem atividades pesadas, mal remuneradas e não qualificadas. Outros aspectos que conduzem a essa compreensão sobre a pobreza no Brasil são a etnia, o gênero, a idade, a composição e a estrutura da família.

Diante da problemática apresentada, está posto o seguinte questionamento da pesquisa: como as representações e práticas religiosas de matriz africana, especificamente o candomblé, se manifestam no cotidiano de negação de direitos, vulnerabilidade e desigualdades sociais?

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral analisar as ações realizadas pela Roça de Candomblé Oyá Afungilasé para minimizar os efeitos da pobreza junto à periferia da cidade de Ceará-Mirim/RN, ou seja, a pesquisa se propõe analisar a atuação dessa comunidade religiosa em ações coletivas e solidárias no bolsão de pobreza no qual está localizada. A escolha por tal localidade se deu por suas raízes históricas de condição aristocrática predominante e do trabalho escravo.

No tocante aos objetivos específicos se tenta resgatar a história da religião de matriz africana, especificamente a história da Roça Oyá Afungilasé; Conhecer as políticas públicas voltadas à igualdade racial e ao enfrentamento da pobreza e da desigualdade social; Refletir sobre o fenômeno social da pobreza e da desigualdade social nos bolsões de pobreza e a contribuição da escola no seu enfrentamento; E Identificar as ações da Roça Oyá Afungilasé para minimizar os efeitos da pobreza e da desigualdade social em um bairro periférico da cidade de Ceará-Mirim/RN.

METODOLOGIA

Caracterizando a pesquisa, a Etnografia atenta para meios metodológicos como a observação direta e por um período de tempo, no qual o pesquisador observa os costumes de viver de um grupo particular de pessoas. De acordo com Mattos (2011):

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. (MATTOS, 2011, P.51).

Logo, a observação de fato deve ser minuciosa, atenta, no qual os mínimos detalhes contribuem para o encaixe dos elos que se perdem muitas vezes no tempo entre as culturas antigas e seus modos.

Partindo desse pressuposto a etnografia, do ponto de vista holístico, observa os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas, visto que como expressa Knechtel (2001) não há grupo humano sem cultura por mais rudimentar que seja.

Concomitante a isso, o objetivo da etnografia através da observação participante, eleita como procedimento metodológico na construção do corpus dessa pesquisa, está em revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem, e a partir dessa ação é imperativo documentar, monitorar, para então, poder encontrar o significado da ação.

Entretanto, salienta-se que essa observação é longa, pois os costumes não são construídos de uma hora para outra. Esses costumes são sedimentados com o tempo. Portanto, como afirma Mattos (2011):

Tanto a etnografia mais tradicional (GEERTZ, 1989; LÉVI-STRAUSS, 1988) quanto a mais moderna (ERIKSON, 1992; WOODS, 1986; MEHAN, 1992; WILLIS, 1977), envolvem longos períodos de observação, um a dois anos, preferencialmente. Este período se faz necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos participantes, de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada. (MATTOS, 2011, P.52).

Destaca-se, porém, que um marco teórico enfático acerca dos estudos etnográficos é o interacionismo simbólico, e seu destaque ocorre por haver aplicações de análises interpretativas no cotidiano do processo de socialização.

Portanto, esse tipo de pesquisa foi priorizada para a feitura desse artigo, por ter uma imensa vantagem, por ser realizada no próprio local cuja fidedignidade em relação ao fenômeno ocorreu sem muitas generalizações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentando a pesquisa, segue o mapa que expõe a localização da Roça Oyá Afungilasé na periferia do bairro São Geraldo, na Rua Leovigildo Cavalcante, 720, na cidade de Ceará Mirim/RN, no qual há um trabalho desenvolvido pelas matrizes africanas que, embora tímido, concretizou a diferença com as rodas de capoeira, com a dança e o culto africano.



Figura (1): Mapa de Ceará-Mirim

Fonte: adaptado do Google maps, 2016.

Dessa maneira, apresentando na figura acima (FIG. 4) o espaço geográfico no qual foi realizado a pesquisa, está a referida Roça de candomblé, na cartografia da fé, na terra da padroeira Nossa Sra. da Conceição (Oxum para o candomblé).

Nas elucubrações para a realização desta pesquisa alguns conceitos como justiça social, assistência e assistencialismo social, subjacentes ao Serviço Social, foram automaticamente sendo esclarecidos, visto serem confundidos no seio da comunidade da religião tradicional de Ceará-Mirim/RN. E por estar a referida Roça de Candomblé localizado em um bolsão de pobreza, foram expostos abaixo dados importantes para ajudar na compreensão de conceitos importantes como os três supracitados.

Quando observado o mapa, conforme dados dos sites da ODM e da DATASOCIAL³, através dos relatórios dinâmicos, encontra-se uma cidade em situação ainda preocupante. Dos dados colocados, percebe-se que 67% da população estão acima do nível de pobreza e 14% se encontra na pobreza e 18% na indigência.

Nesse caso, quando somados os valores da pobreza e da indigência, a impressão contida e que se torna perceptível, é a de que o município não avançou com relação às metas estabelecidas.

Partindo desse pressuposto, necessário se faz considerar que o grupo que está acima do nível de pobreza não tem garantias de permanência diante dos complicadores sociais que hoje ameaça todos os setores, como exemplo, a crise econômica forjada pelos grandes latifundiários do capital financeiro.

No tocante à escolaridade, a distorção idade-série é uma problemática maior e parece que os programas que visam contornar tal situação não tem conseguido êxito satisfatório, ou melhor, expressivo com relação aos números. Essa compreensão parte dos altos custos que se

³ sistema de monitoramento de programas e ações do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDSA).

tem com a educação e a grande questão se dá com relação à formação docente e a qualidade das escolas.

Diante dos dados apresentados, a DATASOCIAL conclui que tal situação será agravada com a crise econômica vivenciada a médio e longo prazo. Dessa forma não há como conceber a pobreza sem que esta seja uma causa social. Nesse sentido é que se definiu analisar qual a contribuição da filosofia de matriz africana, no caso o candomblé, para minimizar as desigualdades e a vulnerabilidade social em um bolsão de pobreza retratado a partir dos dados oficiais.

Diante da problemática abordada, passa-se, então, a refletir sobre uma filosofia, uma forma de pensamento agregado a um grupo, a um gueto ou a uma comunidade. Isso relembra Marques (2009) ao conceber o conceito de comunidade tradicional, tendo em vista as construções conceituais do Estado presentes na legislação deflagrando o processo de colonização por meio da classificação, presentes na lei:

Mesmo rompendo a lógica do entrecruzamento entre populações para definir espécie, ou considerando a história evolutiva dos seres, sua dimensão filogenética, a classificação humana, jamais, poderá situar os indivíduos dentro de grupos homogêneos com características comuns para localizá-lo como espécie (MARQUES, 2009, p. 46).

Está claro que a heterogeneidade é algo peculiar à raça humana, ser diferente parece ser o destino do Homo Sapiens, pois o autor sinaliza sua concepção sobre povos e comunidades tradicionais afirmando que essa concepção não está ligada, necessariamente a uma ideia de origem, mas aos processos político-organizativos.

Portanto, dada a diferença entre os povos, é inegável que não haja riqueza com a diversidade presente e tão pouco pode se pensar que não haja trabalho social preparado por um grupo que se denomina nação e irmãos de fé.

Caracterizando a pesquisa é possível denominá-la como uma pesquisa etnográfica, de caráter participante diante da qual não se ouviu, nem se registrou, mas houve participação ativa do pesquisador.

Nesse sentido, as descrições dos fatos como postas no subitem anterior já estão cerceadas em âmbito contemplativo desse processo, visto ser compreendida como uma pesquisa participante não foi necessária ouvir exaustivamente a voz dos integrantes do processo, mas foi possível acompanhá-los, tendo em vista que para alguns autores da antropologia social já não é necessário essa discussão tão exaustiva. Para tanto foi observado

à comunidade local, as pessoas que frequentam o terreiro, os participantes efetivos e o não efetivos, os não filhos de santo.

Contudo, salienta-se que todas as vozes ouvidas, e mesmo aquelas que estando de fora não expressaram compreensão sobre o fenômeno estudado, foi em seu espaço devidamente respeitado. Sendo assim, essa metodologia possibilitou a percepção de que a Roça Oyá Afungilasé fazia-se presente no enfrentamento da vulnerabilidade social de tantos jovens da periferia.

Entende-se, porém, que os ritos demonstram por si o quanto à religiosidade exercitada pode atrair adeptos os distanciando dos enredos de uma sociedade injusta. Partindo desse pressuposto, o mais interessante é que das atividades ali vivenciadas nenhum dos adeptos deixou de conviver em harmonia com os demais frequentadores.

Dessa maneira e em comum acordo com os filhos de santo, o sacerdote decidiu desenvolver na Roça Oyá Afungilasé um trabalho social, para retirar das ruas jovens e crianças enredadas pela vulnerabilidade social.

Diferente de caridade pode-se dizer que o conceito apropriado para isso é o de justiça social, pois assim procedendo, o jovem e a criança, estaria ocupando seu tempo, realizando atividades lúdicas e prazerosas, distanciando-o dos perigos da rua uma vez que aprender a língua materna como o português é tarefa árdua.

Entretanto, um dos fatos mais interessantes detectados durante a pesquisa foi às aulas de ioruba. Ora, o ioruba é uma língua que somente é falada no continente africano pelos nigerianos. Vejam a seguir algo interessante:



Figura (2): professor Hipólito Cunha – Ensinando a Língua-de-Santo através do Iorubá

Fonte: o autor

Diante da figura acima, comprova-se, dessa maneira, que na Roça Oyá Afungilasé esse idioma é ensinado e falado aos filhos de santo. Contudo, algumas posições precisam ser

consideradas diante do aspecto sagrado que impediu que essas aulas estivessem abertas a pessoas da comunidade que não os filhos de santo.

Entretanto não é difícil reconhecer que tal idioma não tenha tido influência sobre o português brasileiro, tendo em vista que:

Depois de quatro séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, o português do Brasil, naquilo em que ele se afastou do português de Portugal, descontada a matriz indígena menos extensa e mais localizada, é, em grande parte, o resultado de um movimento implícito de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano. (CASTRO, 2016, P.9).

Fica esclarecido que, desde as raízes, até a língua portuguesa sofre influências dos afrodescendentes, portanto, miscigenados talvez seja o adjetivo apropriado para se entender que o preconceito não pode continuar e não há como sufocar uma cultura que sobrevive nas formas mais diferentes possíveis.

Embora as aulas de Iorubá tenham sido pensadas inicialmente para ensinar a crianças, adolescentes e adultos em vulnerabilidade social, elas não aconteceram. Segundo o professor Hipólito, filho de santo antigo do asé essas aulas foram retiradas porque somente os filhos de asé é que poderiam assisti-las, a não ser que o Babalorixá José Maria da Oyá o permitisse.

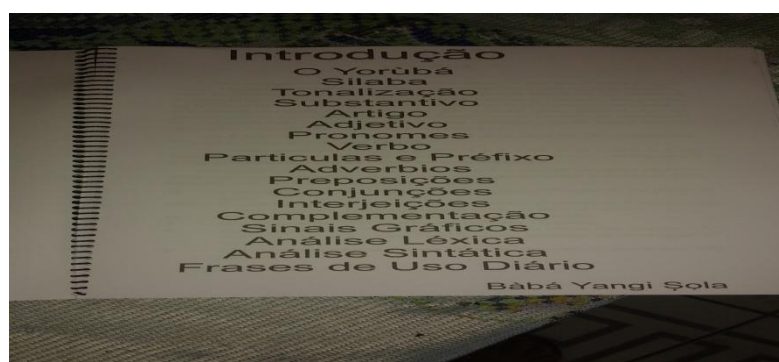


Figura (3): Apostila contendo o Ensino do idioma Iorubá

Fonte: o autor

Conforme a figura acima está posto uma apostila contendo a gramática do povo Banto. Logo, é inegável não correlacionar tal conhecimento com costumes e crenças, com processos multiculturais enraizados historicamente projetando a cultura africana em solo brasileiro. E não é de se estranhar que esse idioma:

Essa língua-de-santo é a fonte atual dos aportes lexicais africanos no português do Brasil, e a música popular brasileira é, hoje, o seu principal meio de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros de comunidades afro-religiosas, como o foi Vinicius de Moraes e, atualmente, Caetano Veloso, Gilberto Gil e tantos outros de igual grandeza, entre os quais os compositores de blocos afros e afoxés da Bahia.. (CASTRO, 2016, P.5).

A autora esclarece que não há como negar a multiculturalidade presente nas regiões desse imenso Brasil com os descendentes de mãe África. Em cada oriki (oração de santo), em cada ponto cantado, estão presentes os costumes de um povo discriminado pela cor.

A seguir, é possível visualizar objetos que representam essa afirmação:



Figura (4): Preparando a aula – Yaô Hipólito Cunha

Fonte: o autor

Nesse caso (FIG.8), o professor está de posse de sua apostila para ensinar aos filhos de santo a lição do dia, visto que o Yaô deve se dedicar para aprender a cultura de seus ancestrais que embasam os fundamentos da religião na qual esse yaô está a exercer sua religiosidade.

Concomitante as aulas de Iorubá, vem às atividades ligadas à roda de capoeira, e na busca de elementos chaves, está claro que para tecer uma pesquisa como esta exige do pesquisador uma mente aberta e apta a entender as nuances multiculturais, ou seja, reconhecer a importância da pluralidade reconhecendo a diversidade como aspecto imprescindível para o equilíbrio social e ecológico da sociedade.

Dessa forma, não é possível conhecer o que é singular dentro de uma roça de candomblé, mantendo-se distante dele no âmbito natural e cultural, será preciso se tornar igual para compreender a singularidade do diferente. É preciso ser único.

Dessa maneira foi abraçada a roda de capoeira como uma das atividades e dentre as quais se pode afirmar que é, na realidade estudada, a que mais contribui com a retirada de crianças e jovens em risco e vulneráveis socialmente.



Figura (5) Roda de capoeira – Atividade externa da Roça Oyá Afungilasé

Fonte: Professor Bocão – mestre de Capoeira, 2016

Conforme a figura acima (FIG.9) os alunos de capoeira estão realizando uma atividade externa. Contudo, nesse momento estão envolvidos os alunos da Roça Jêje Oyá Afungilasé com outros garotos e garotas que exercem esse esporte em outros espaços educativos.

No tocante a essa abertura social, a filosofia apresentada vê o seu próprio espaço como garantia de oportunidades para aqueles que são postos à margem social. Porém, não é objetivo do Candomblé sujeitar as pessoas a sua crença. E isso ocasionou surpresa, tendo em vista ser impressionante como os adeptos tem algo singular naquela casa de asé: respeito à escolha da crença é uma dessas características.

Ficou claro durante a observação que a comunidade também participa de eventos fora do terreiro, o que mostra que a cultura afro-brasileira não se limita aos espaços mencionados e que a inclusão é possível de acontecer.

Partindo-se desse pressuposto, é visível que adeptos e não adeptos podem conviver de maneira harmoniosa, uma vez que o grande desafio é a aceitação.



Figura (6): alunos da capoeira em evento social

Fonte: Professor Bocão – mestre de Capoeira, 2016

Concomitante ao grupo de capoeira (FIG.10) registra-se a presença de alguns dos alunos do grupo world dance que faziam parte das atividades da Roça Jêje. Porém, não houve permissão para apresentar as imagens, entretanto, o que ganha ênfase são as atividades como essa, nos espaços educativos não formais, que também contribuem para minimizar os efeitos danosos de uma sociedade injusta.

Portanto, enquanto o yaô (filho) está se preparando para receber a divindade, sendo celebrado junto com o povo a possibilidade de contribuir com uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne à educação de crianças e adolescentes na Roça de candomblé, esta ação educativa tem uma finalidade que é a de possibilitar o exercício de sua fé, na prática do bem viver, e a compreensão de que enquanto sujeito social a criança e o jovem constituem em pertencimento a uma conexão com o micro e macro universo retroalimentados por essa manifestação da natureza.

Contudo, a representação de matriz africana, no caso o candomblé, possibilitou a reflexão sobre o efetivo trabalho da educação, sobre a redefinição conceitual do que é assistência social e o sobre o que é de fato viver com a ética e com o sagrado.

Os objetivos da pesquisa foram atingidos e a metodologia da pesquisa garantiu os resultados ao demonstrar que a desigualdade racial e social são ainda dados alarmantes que não mudam apenas com criação de leis, porém a aplicabilidade dessas leis possibilita arar o espaço garantindo que direitos antes negados possam de fato ser redistribuídos de maneira equânime.

Diante da temática pesquisada compreendeu-se que a justiça social reverbera o enfrentamento à pobreza e à desigualdade perpassando, em primeiro lugar, pela educação que aponta à necessidade de rever o sujeito na sua integralidade.

Sabe-se que entregas de sacolões, marmitas não eclodem um conceito correto sobre assistência social. E é nisso que inúmeras religiões denominadas cristãs se equivocam em acreditar que caridade é assistência social. No entanto, assistência social é garantir e possibilitar o exercício da cidadania.

Infelizmente a ambiguidade que envolve a educação não permite que a escola cumpra de fato seu papel social, e dessa maneira, a escola regular se torna aberta ao que é compensatório e parece que somente nos espaços educativos não formais é que se começa a vivenciar procedimentos e atitudes que visam a cidadania.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **As conseqüências do fim da escravidão.** Disponível em <<http://escolakids.uol.com.br/as-consequencias-do-fim-da-escravidao-no-brasil.htm>> Acesso em 12 de jun. de 2017.

ARROYO, M. Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Módulo Introdutório. **Pobreza, Desigualdades e Educação.** SECADI. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Ministério da Educação, 2008.

_____. Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Módulo Introdutório. **Pobreza e Currículo: uma complexa articulação.** SECADI. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Ministério da Educação, 2008.

BAPTISTA, C. C. B; PAULA, M.V. de. GONÇALVES, C.R.H. **As religiões Afrobrasileiras.** Disponível em <[http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/HISTORICO-DO-CANDOMBLE-leafro%20\(2\).pdf](http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/HISTORICO-DO-CANDOMBLE-leafro%20(2).pdf)>.

BRANDÃO, (Org.). **A questão política da educação popular.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTRO, Y. P de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro.** Disponível em <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>> Acesso em 16 de dez. de 2016.

MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.L.G., and CASTRO, P.A., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MARQUES, J. **Ecologia da Alma.** Petrolina. Gráfica Sanfranciscana, 2012.

_____. **Povos, Comunidades Tradicionais e Meio Ambiente.** Revista Ouricuri, Universidade do Estado da Bahia. Paulo Afonso: Fonte Viva, p. 63 – 85, 2009.

PINZANI, A.; REGO, W. L. Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Módulo I. **Pobreza e Cidadania.** SECADI. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Ministério da Educação, 2008.